

DOMINIQUE BERTRAND

Tradução:  
Marcos Augusto Ferreira Nobre

PATRÍSTICA E  
ESPIRITUALIDADE



# | ÍNDICE

- 14    **PREFÁCIO**
- 17    **ABREVIATURAS**

## PARTE I: A ATUALIDADE DOS PADRES

- 20    **OS PADRES DA IGREJA, UMA NOVA MODA?**
- 21      Quem são eles?
- 22      Pessoas concretas
- 22      Uma família
- 23      Um tempo particular
- 23      A encarnação da fé na cultura
- 24      Um terreno já cultivado
- 25      A divisão judeus-pagãos
- 25      O terceiro povo
- 26      A luta dos padres
- 27      Uma Igreja em construção
  
- 28    **OS TEMPOS DRAMÁTICOS DA PATRÍSTICA**
- 29      1. Rumo a uma apreensão sapiencial da duração
- 31      2. Sobrevoos de um século patrístico
- 38      3. Os tempos patrísticos
- 38          Relato dos tempos patrísticos
- 43          Releitura dos tempos patrísticos
- 46      4. A patrística como tempo de encontro
  
- 50    **POR UMA PERIODIZAÇÃO EFICAZ DOS TEMPOS PATRÍSTICOS**
- 53      1. Paternidade na fé e evangelização de um mundo
- 55          1.1 Paulo e João
- 56          1.2 Os bispos
- 58          1.3 Os padres dos concílios
- 59          1.4 Os abades do monasticismo
- 61          1.5 Todos aqueles que prestaram um serviço na evangelização
- 62          1.6 A constituição do *corpus* dos padres

63	1.7 Os limites do período patrístico
64	2. Os tempos dramáticos do período patrístico
66	2.1 De crise em crise
68	2.2 Quadro genético do período patrístico
71	3. Breve comentário sobre a tabela
71	3.1 Dispersão
72	3.2 A coragem de explicar-se ao mundo
73	3.3 A verdadeira gnose
74	3.4 Os apóstatas e o nascimento da penitência
75	3.5 Os monges e a filosofia de Cristo
75	3.6 O arianismo e o nascimento da teologia dogmática
76	3.7 A reação pagã e a literatura cristã
77	3.8 Amplitude e continuidade da memória cristã
77	3.9 O humanismo e a graça
78	10. A filantropia episcopal
78	Conclusão
<b>80</b>	<b>O NASCIMENTO DA HIERARQUIA COM OS PADRES APOSTÓLICOS</b>
81	1. A geração dos padres apostólicos
82	2. A urgência eclesiológica do período
84	3. Em todas as igrejas, a única igreja
85	4. Uma hierarquia divina de salvação para a Igreja
87	5. Notas harmônicas da hierarquia segundo os Padres apostólicos
89	6. Um primeiro “dom irrevogável” para o cristianismo
<b>90</b>	<b>PADRES DA IGREJA, PAIS ESPIRITUAIS?</b>
91	Um sopro que ainda movimenta
91	Clemente, o moderador
92	Orígenes, o iniciador
93	João Crisóstomo, o orador
94	Leão Magno

## PARTE II: UM PAI PARA A TEOLOGIA: HILÁRIO DE POITIERS

- 98** TRINDADE E GLOBALIZAÇÃO
- 99 As globalizações
- 101 A apologética desde o renascimento
- 104 A utilidade conjuntural do modelo patrístico
- 106 Por que Ário? Por que Hilário de Poitiers?
- 109 Aproveitar os Padres da Igreja na globalização religiosa
- 112** O HISTORIADOR HILÁRIO
- 113 1. Hilário de Poitiers é um historiador?
- 116 2. Teologia e história em Hilário
- 122 3. De *gesta* a *historia*: a prova da *falsitas*
- 128 Perspectivas
- 130** A IMPASSIBILIDADE DE CRISTO SEGUNDO  
HILÁRIO DE POITIERS, *DE TRINITATE* X
- 132 Uma questão disputada
- 134 Das fórmulas ao autor
- 136 O movimento retórico
- 140** “PERSONA” NA TRINDADE DE HILÁRIO DE POITIERS
- 141 1. Por que interrogar Hilário sobre a noção de pessoa?
- 143 2. Levantamento lexical e questões por este suscitadas
- 146 3. A correlação entre *persona*, *substantia* e *subsisto*
- 146 Visão geral
- 148 *Persona* e *substantia*
- 153 O verbo *subsisto*
- 157 4. *Persona* e a Bíblia
- 162 5. Um elemento modesto de solidez
- 164** A ARGUMENTAÇÃO HILARIANA NOS LIVROS 4-7 DO *DE TRINITATE*
- 165 1. O obstáculo da abstração
- 166 2. Tipologia dos argumentos
- 170 3. A lógica dos livros 4-7 à prova
- 170 Livro 4
- 172 Livro 5

- 174 Livro 6  
 175 Livro 7  
 178 4. Uma ampla pedagogia da fé

**180 O PROGRESSO DA INTELIGÊNCIA  
 NO *DE TRINITATE* DE HILÁRIO DE POITIERS**

PARTE III: POR UMA TEOLOGIA ESPIRITUAL  
 INSPIRADA PELOS PADRES

**192 CONTRIBUIÇÃO DA PATRÍSTICA À ESPIRITUALIDADE**

- 194 I. A beleza de certos textos  
 196 II. A verdade do momento patrístico  
 200 III. A substância da contribuição  
 205 IV. A exemplaridade patrística

**208 O PLATONISMO DOS PADRES NÃO SERIA ARISTOTÉLICO?**

- 209 I. Um momento da patrística: o platonismo dos padres  
 213 II. O *vovç/mens* esquecido  
 216 III. O *vovç/mens* na tradição filosófica antiga  
 223 IV. O *vovç/mens* na tradição patrística  
 230 V. O *vovç/mens* ontem e hoje

**232 SANTO ANTÃO, O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS E A SAÚDE DO HOMEM**

- 234 I. Explicação do título  
 234 Santo Antão, qual deles?  
 234 Santo Antão  
 235 Discernimento dos espíritos  
 236 A saúde do homem  
 237 II. Por que tratar deste tema?  
 240 III. Santo Antão e o discernimento dos espíritos  
 240 A – Como conhecemos Antão?  
 240 Por sua fama  
 241 Pelas *Confissões* de Santo Agostinho  
 241 Pela Ordem dos Antoninos  
 241 Pela *Vida* escrita por Atanásio

- 242 B – A figura de Antão  
 244 C – O testemunho da *Vida*  
 247 D – O discernimento dos espíritos  
 247 Primeira convicção  
 248 Segunda convicção  
 250 Terceira convicção  
 251 IV. Presença de Antão em nosso mundo  
 251 Primeira época  
 252 Segunda época  
 253 Terceira época  
 254 Quarta época

**256 A ORAÇÃO COMO LUGAR ANTROPOLÓGICO:**

**CONTRASTES DO PERÍODO PATRÍSTICO**

- 258 I – A oração cristã antiga e seu ambiente  
 261 II – O florescimento latino  
 267 III – A contribuição dos gregos  
 272 Evágrio Pôntico e a aventura espiritual do voûç  
 276 A abertura grega  
 277 IV – Retorno ao Ocidente  
 277 Agostinho e o desejo  
 280 João Cassiano: oração e ascensão à perfeição  
 284 O laboratório do Ocidente  
 284 Conclusão

**288 ASSIM REZAVA SANTO AGOSTINHO**

- 289 *Assim falava... Zaratustra*  
 291 Assim rezava Agostinho de Hipona (I)  
 294 Assim rezava Agostinho de Hipona (II)  
 296 O *pai-nosso* dos Padres

**298 O CRISOL ALEXANDRINO DO DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS**

- 299 1. Um indício bíblico: I Coríntios 12,10  
 303 2. A construção origeniana no *Tratado sobre os princípios*  
 309 3. Orígenes enriquece Orígenes  
 317 4. O trabalho do monaquismo egípcio

<b>324</b>	<b>O ANATEMATISMO IX: O ESPÍRITO SANTO</b>
	<b>NA CRISTOLOGIA DE CIRILO DE ALEXANDRIA</b>
325	1. Anatematismo IX: situação da nossa investigação
329	2. O Espírito Santo nos escritos doutrinários do primeiro período
332	3. O Espírito Santo nos documentos da crise nestoriana
337	4. O Espírito Santo nos documentos da década de 30
343	5. Avaliação da pneumatologia de Cirilo
<b>346</b>	<b>O PAPEL DA INTELIGÊNCIA NA VIDA ESPIRITUAL:</b>
	<b>EVÁGRIO PÔNTICO E INÁCIO DE LOYOLA</b>
347	1. Evágrio e Inácio
348	2. Semelhanças
350	3. O intelecto evagriano e a luta contra os pensamentos
352	4. O equilíbrio inaciano
354	5. A inteligência e a história da espiritualidade
<b>356</b>	<b>O DISCERNIMENTO BERNARDINO</b>
	<b>ENTRE OS PADRES DO DESERTO E INÁCIO DE LOYOLA</b>
357	1. Um lugar teológico e espiritual a redescobrir
358	2. Traços principais do discernimento dos espíritos
362	3. O discernimento bernardino
363	A. Com o <i>Tratado sobre o Amor de Deus</i> , a dimensão teológica do discernimento
364	B. Com <i>O preceito e a dispensa</i> , a estratégia
365	C. Com <i>A conversão aos clérigos</i> , a antropologia da inteligência
368	D. Confrontadas com os <i>agibilia</i> , as <i>Cartas</i>
369	4. Conclusão
<b>370</b>	<b>BERNARDO DE CLARAVAL, DOUTOR</b>
	<b>DA VIDA ESPIRITUAL (ESTADO DA QUESTÃO)</b>
372	Esclarecimentos históricos
374	Peso e sentido de uma escolha
375	Um carisma
376	A utilidade da conversão
377	Realismo espiritual
379	Rigor e vigor da sabedoria
381	Alargamentos
382	Avaliação

<b>384</b>	<b>QUATRO DISCURSOS CISTERCIENSES DO SÉCULO XII SOBRE A ALMA</b>
385	1. A alma de hoje a ontem
386	2. O gênero literário dos tratados sobre a alma
388	3. Os dois autores de destaque
389	Livro I
389	Livro II
390	Livro III
392	4. A contribuição dos concorrentes
394	5. Documentação e originalidade dos tratados cistercienses sobre a alma
397	6. Sincronia cisterciense sobre a alma
<b>400</b>	<b>A FAMILIARIDADE DE TOMÁS DE AQUINO COM OS PADRES: AVALIAÇÃO LITERÁRIA, HISTÓRICA E TEOLÓGICA</b>
402	1. Do bom uso, entre outros, dos Padres gregos
406	2. O conhecimento de Deus: Dionísio e a <i>Suma Teológica</i> I, 13
411	3. O Espírito Santo e a humanidade de Cristo: Cirilo de Alexandria e a <i>Suma Teológica</i> III, 7
<b>416</b>	<b>BIBLIOGRAFIA</b>
<b>420</b>	<b>EXEGESE CRISTÁ DA IDADE MÉDIA OCIDENTAL</b>
421	I – Coincidência da Bíblia e da Idade Média
422	Henri de Lubac, <i>Exégèse médiévale</i>
423	II – A aporia do quádruplo sentido
423	1. Formulações do quádruplo sentido
424	O dístico
424	Tomás de Aquino
425	<i>Excursus</i> : o lugar das escrituras na obra de Tomás de Aquino
426	Henri de Lubac
427	2. As questões exegéticas
429	<i>Excursus</i> : a escola de Saint-Victor
430	3. Balanço das contribuições de <i>Exégèse médiévale</i>
431	III – Os canteiros bíblicos da Idade Média
432	1. A letra bíblica na dependência da autoridade dos Padres
434	2. Liturgia e pregação para o povo
435	3. Teologia dos mosteiros e das escolas
438	IV – O sepultamento produtivo dos quatro sentidos

- 439 1. *Littera gesta docet*. Exploração filológica do texto bíblico  
440 2. *Quid credas?* Fontes bíblicas da doutrina  
442 3. *Quid agas?* Afetividade e conhecimento  
444 4. *Quid speras?* Escatologia e história  
447 v – A exegese medieval: um momento cultural de peso

**449 BIBLIOGRAFIA**

**450 BIBLIOGRAFIA DE DOMINIQUE BERTRAND**

- 451 A. Obras  
452 B. Direção de obras  
453 C. Artigos  
453 I – 1967 a 1984  
458 II – 1984 a 1999  
463 III – 2000 a 2021

**474 REFERÊNCIAS DOS ARTIGOS NESTE VOLUME**

O Institut des Sources Chrétiennes, que Dominique Bertrand dirigiu por quinze anos (1984-1999) com o dinamismo que lhe é característico, assim como a Association des Amis de Sources Chrétiennes, da qual foi o principal animador por mais de vinte anos (1984-2007), decidiram, por ocasião dos 90 anos de seu ex-diretor, publicar uma coletânea de seus principais artigos sobre Patrística – sem deixar de lado a teologia espiritual, que foi seu primeiro campo de especialização e do qual nunca se afastou. Daí os dois termos do título, *Patrística e espiritualidade*, que representam muito mais uma mútua fecundação do que uma simples justaposição.

A aventura da coleção Sources Chrétiennes foi, de fato, como um segundo capítulo na vida de Dominique Bertrand, o qual, ainda jovem jesuíta (1967-1983), consagrou seu primeiro engajamento consistente à revista e à coleção Christus, enquanto concluía uma tese que se tornou clássica, intitulada *A política de Santo Inácio*. Ele defendeu essa tese na Sorbonne em 1979 e a publicou em 1985 pelas edições do Cerf. Por dezessete anos, em Christus, ele escreveu mais de setenta artigos! Apesar dessa especialização em Santo Inácio, que o predis pôs à teoria e prática do acompanhamento espiritual – tendo lecionado por anos o curso de Teologia Espiritual na Faculdade de Teologia de Lyon –, Dominique Bertrand, a partir de 1984, respondeu ao chamado do provincial da Companhia de Jesus e dedicou suas energias à Patrística e à coleção Sources Chrétiennes, sucedendo ao insubstituível Claude Mondésert, que havia conduzido o projeto sozinho por quase quarenta anos.

Essa mudança em sua vida, em 1984, quando deixou a Paris da coleção Christus para a Lyon da coleção Sources Chrétiennes (e da Academia), ilustra sua disponibilidade e obediência. Ele deixou um campo de atuação onde era amplamente reconhecido para adentrar outro, em uma outra cidade, onde não o era. Às vezes, foi olhado de cima por acadêmicos que consideravam a Patrística um território fechado. Os “imigrantes”, muitas vezes, não são bem recebidos! Contudo, isso não freou seu entusiasmo e generosidade. Ele revitalizou os estudos patrísticos à sua maneira, acolhendo, promovendo e desenvolvendo trabalhos, encontros (organizou e publicou vários grandes colóquios) e empreitadas editoriais de longo prazo (como os *Apoftegmas*, Hilário, Cesário, Bernardo de Claraval). Ele divulgou, pregou, ensinou e fez com que um público, crescente, descobrisse e amasse os Padres da Igreja

– desde Irineu de Lyon e Hilário de Poitiers até Leão de Roma, os Padres apostólicos e Cesário de Arles. Sob sua liderança, a audiência da Association des Amis de Sources Chrésiennes dobrou ou até triplicou.

Para Dominique Bertrand, a erudição nunca foi um fim em si mesma: ela sustenta, testa, refina e nuança as ideias. Isso será evidente nas páginas deste livro. As notas de rodapé, por vezes abundantes, não ofuscam a tese ou o objetivo do texto. O leitor pode transitar entre os estudos e apreciar a riqueza sugestiva de cada um, que sempre vai além do tema abordado. Por que realizar uma periodização dos primeiros séculos cristãos? Falar novamente sobre Antão, o pai dos monges? Celebrar o trabalho intelectual singular de Hilário de Poitiers? Questionar o papel da inteligência, sua relação com os afetos e o corpo? Defender novamente o sentido espiritual das Escrituras? Os temas, sejam oportunos ou não, são tratados com uma liberdade tranquila, alheia às modas intelectuais ou teológicas. Algumas constantes, é claro, emergem dessa vasta obra: meditar, através da história da Igreja, sobre as crises às quais Deus responde com dons irrevogáveis (como o monaquismo, a obra iluminadora de Irineu, a instituição da misericórdia por Paciano); considerar a integralidade do ser humano – corpo, alma, inteligência unificados pelo Espírito que diviniza (Dominique Bertrand gosta de citar, entre outras, esta frase do *Tratado sobre o Amor de Deus*, de Bernardo de Claraval: “Ser assim tocado é ser divinizado”); demonstrar, em determinados textos, a inteligência em ação para discernir os espíritos, um tema caro a Santo Inácio, e o autor mostra em que medida isso atingiu os autores antigos; e revelar que o aristotelismo nunca foi banido do pensamento cristão em favor do platonismo, sendo mais apropriado pensar em integração do que em oposição. Tais são algumas das argumentações e hipóteses que podem ser lidas com prazer ao longo destas páginas.

Chegou a hora de deixar o autor falar. Ao final do volume, encontra-se sua bibliografia, que se espera quase exaustiva. Cada leitor poderá medir a extensão do trabalho realizado, frequentemente entre muitas urgências e compromissos sempre honrados. O conjunto impressiona e desperta, mais do que admiração, gratidão.

Sources Chrésiennes

OS PADRES DA IGREJA,  
UMA NOVA MODA? |

Atração e fascínio pelas origens? Uma preocupação de segurança com o retorno às fontes, às raízes? Nos últimos anos, os cristãos têm redescoberto os “Padres da Igreja”. Editoras se empenham em tornar acessível a todos um tesouro que por muito tempo esteve reservado aos estudos acadêmicos. Em algumas coleções de “espiritualidade”, seus escritos até convivem com textos esotéricos, ocupando espaço em um amplo espectro de obras, em busca das mais diversas “sabedorias”.

O verdadeiro significado dessa redescoberta não seria, no entanto, muito mais profundo? A inserção do cristianismo nas culturas dos primeiros séculos, durante os quais foram elaboradas suas principais fórmulas, não lança alguma luz sobre o diálogo necessário entre o Evangelho e o nosso tempo? Situar-nos nessa longa e rica história, nessa “tradição”, pode, sem dúvida, nos ajudar a compreender melhor a mensagem cristã no final do século xx.

## QUEM SÃO ELES?

A expressão “Padres da Igreja” evoca sonhos. Parece-nos que estamos nos aproximando de figuras estranhas, pertencentes, de algum modo, aos mitos das origens. É, portanto, importante enfatizar a realidade dessas pessoas, que têm seu lugar em nossa história, na história do cristianismo nascente, nos primeiros séculos de existência dessa “parte da humanidade” que chamamos de Igreja.<sup>1</sup>

Somos auxiliados pelo trabalho de especialistas desse período, que hoje é amplamente compreendido sob o nome de “Antiguidade Tardia”. Situar os Padres da Igreja no contexto da Antiguidade Tardia foi, sem dúvida, uma das conquistas do nosso século, graças às pesquisas de numerosos estudiosos. Na França, não podemos deixar de mencionar aqui o nome de Henri-Iréné Marrou.<sup>2</sup>

---

1 Essa é a bela expressão lançada por Mons. R. Coffy em seu relatório apresentado em Lourdes em 1971, *Église, signe de salut au milieu des hommes*, Paris, Centurion, 1972, p. 53.

2 Henri-Iréné Marrou (1904-1977) ocupou a cátedra de História do Cristianismo na Sorbonne de 1945 a 1975. Foi um dos iniciadores da renovação patrística no pós-guerra. Um livro pós-tumo resume suas descobertas: *Décadence romaine ou antiquité tardive?*, Paris, Seuil, 1977.

Antes de abordar essa questão atual, é útil recordar as acepções tradicionais de “Padres da Igreja”, conforme especificado nos manuais. Duas concepções principais emergiram ao longo dos séculos, sendo certo que o período em que se situam essas figuras é o das origens (o primeiro milênio cristão) e que os “Padres” são escritores, homens – e também algumas mulheres – cuja palavra foi escrita, preservada e transmitida. Pensemos, por exemplo, nas coleções de sentenças atribuídas aos chamados “padres do deserto”. Assim, os padres são, em todos os casos, figuras antigas cujas palavras continuaram a exercer influência por muito tempo, em grande parte, porque mereceram ser registradas por escrito.

## PESSOAS CONCRETAS

A mais antiga das acepções designa como “Padres” os cristãos que expressaram a fé e foram reconhecidos como autoridades em toda a Igreja: bispos, como Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Cipriano de Cartago etc. Em um sentido mais estrito, a partir do Concílio de Niceia, em 325, quando os Concílios se tornaram um meio de resolver questões na Igreja, destacou-se a “paternidade” dos bispos signatários dos atos dessas assembleias. Assim, passou-se a referir aos “padres conciliares”, como Atanásio, em Niceia, Cirilo, em Éfeso, Cesário, em Orange, etc. Ao mesmo tempo, surgiu um sentido mais amplo: foram considerados “Padres” todos aqueles que, como monges – frequentemente leigos –, diáconos ou padres, trabalharam pela justa expressão da fé e da vida cristã, como Antão, Efrém, Jerônimo etc. O primeiro sentido, como se pode observar, é altamente personalizado.

## UMA FAMÍLIA

A partir da Renascença, começou a prevalecer uma acepção mais coletiva. Buscou-se publicar tudo o que se recuperava dos manuscritos, formando grandes coleções que visavam, mais do que destacar o pensamento de um autor específico, construir uma vasta história por meio dos textos da Igreja primitiva. Esses esforços culminaram na célebre Patrologia Grega e

Latina, editada em meados do século XIX pelo abade Jacques-Paul Migne.<sup>3</sup> Entre os séculos XVI e XIX, o principal objetivo foi fundamentar, de forma maciça, uma visão católica sobre o nascimento da Igreja, em contraposição à visão reformada.

## UM TEMPO PARTICULAR

Seja com uma visão mais personalizada das autoridades no campo da fé, seja com uma concepção mais coletiva de um testemunho abrangente sobre o povo de Deus, carecia-se de reinserir os Padres da Igreja em seu tempo. Mencionamos anteriormente o termo “Antiguidade Tardia”. Essa expressão, nas últimas décadas, permitiu que muitos estudiosos – católicos, protestantes, ortodoxos e até agnósticos – validassem uma ideia renovada sobre os Padres da Igreja. Eles eram, de fato, pessoas reais, e é enriquecedor compreender cada vez mais seus traços humanos como crentes. Também eram porta-vozes de um grupo de homens e mulheres, que podemos chamar legitimamente de Igreja. Contudo, é fundamental não os compreender de maneira isolada, nem pessoal nem coletivamente, desconsiderando a época em que viveram e atuaram: a Antiguidade. Esses homens da Igreja mostram de forma viva e complexa que *o cristianismo se inseriu em um mundo* que já existia por si só.

Antiguidade Tardia? Estas duas palavras designam, na verdade, a Antiguidade cristianizada, contudo, enfatizando o contexto humano, ou melhor, o material humano do fenômeno. Sem uma humanidade para recebê-lo – neste caso, a humanidade do homem antigo –, não teria havido cristianismo. Assim, os Padres são testemunhas e atores da primeira encarnação – e o termo não é exagerado – da fé na cultura.

## A ENCARNAÇÃO DA FÉ NA CULTURA

O primeiro mérito da definição que acabamos de apresentar em linhas gerais é a sua complexidade e densidade, que afastam a fascinação midiática

---

3 O abade Jacques-Paul Migne (1800-1875) editou, em 20 anos, os 222 volumes da *Patrologia Latina* e os 161 volumes da *Patrologia Grega*. A palavra “patrologia” possui dois significados: 1) A disciplina que estuda os Padres da Igreja, sendo então sinônimo de “patrística”; 2) As coleções de seus escritos.